

**Eduardo Luís Cortesão**

O ensino e a formação de médicos, com nível científico, competência profissional e inserção comunitária só é possível quando a formação receba a impregnação dum autêntico sentido humanista. E o que é válido para os médicos é-o certamente e também para juristas, engenheiros, agrónomos, economistas e todos os outros que se pretendem formar e educar numa Universidade humanista.

O 25 de Abril ofereceu à Universidade um teor humanista que ela não possuía - ou que lhe não fora permitido fomentar - mas que se por um lado consentiu alguma democratização adentro do próprio estabelecimento universitário, por outro lado cedo se demonstrou insuficiente. Não se operou nem a revolução nem a reforma de mazelas e conservadorismo que sempre anemiaram as Faculdades, coartando a criatividade conceptual e a investigação renovadora.

A dádiva humanista de Abril não logrou todavia transformar a Universidade, penetrar na sua estrutura e reelaborar dinamicamente a sua acção e a sua eficiência.

A clivagem entre o passado e o presente era dramaticamente profunda e a poluição do presente pelo passado tem continuado dolosamente cavilante. O anquilosamento da Universidade durante o Salazarismo, as afrontas e brutalidade a que foi submetida, constituem uma questão moral mais do que uma questão política. E dez anos depois de Abril persiste o desafio da transformação da Universidade, para que seja essencialmente humanista, única via para que se desvençilhe de pechas retrógradas e ineptas com que o Salazarismo a cancerizou e o presente já lhe lobriga a proliferação de metástases.

E porque o Humanismo é aqui evocado, há que definir a sua natureza, a sua estrutura e a sua função na perspectiva universitária. Entre outras razões por que se assiste, com perplexidade, ao uso e abuso em boca cheia, do termo *humanista*, para proclamar actos, justificar atitudes ou ratificar comportamentos que de humanistas nada têm. O humanismo não se proclama; vive-se, cumpre-se e exemplifica-se.

E assim sendo numa perspectiva universitária, tomando como modelo o ensino médico, há que enunciar, elaborar e reflectir sobre o seguinte:

**1**

Entende-se que na formação médica universitária humanista, há a tendência para preservar e incrementar os valores afectivos, estéticos, criadores e éticos que condicionam e determinam a existência humana.

**2**

O ensino médico humanista é de preservação dos valores quando previne todas as motivações e todas as tendências que de algum modo conduzem à alienação do Homem. No binómio saúde/doença a educação médica tem que incidir na compreensibilidade da Pessoa ocasionalmente doente e na doença que se estabelece, evolui e se trata, sempre, num contexto bio-psico-social. O ensino médio humanista enuncia e cumpre estes firmes princípios.

Os ensinamentos médicos pseudo-humanistas e conservadores são falsos ensinamentos que proclamam tais princípios mas explícita ou implicitamente não os cumprem e não os praticam.

**3**

O ensino médio humanista é de incrementação dos valores quando estimula e movimenta a descoberta e a criatividade, no confronto entre os conhecimentos ancestrais e hodiernos, e o novo conhecimento.

**4**

Uma formação médica humanista tende a expandir-se tanto na interioridade do indivíduo como no contexto social em que ele se nutre, se movimenta e se exprime; não somente no tecido cultural imediato e nacional, mas também, e sempre, na dimensão universal.

**5**

Uma Medicina humanista define-se, também, no reconhecimento da actividade instintiva e da agressividade. O instinto sexual, o instinto de conservação, a agressividade destrutiva (ligada à crueldade e ao instinto de morte) e a agressividade combativa (ligada ao instinto de vida e à criatividade) são forças de expressão biológica, psicológica e social, que determinam a natureza, a estrutura e a função de um conflito. Neste conflito o médico humanista age dinamicamente, não denegando o conflito nem o reprimindo.

**6**

O Humanismo traduz-se como a qualidade, o atributo ou a essência de algo, e de aí resulta a sua plasticidade, a sua natureza livre, a sua flexibilidade e o seu valor condicionante ou determinativo.

Podemos, assim e sempre inquirir e reflectir sobre a legitimidade de uma Educação, uma Arte, uma Ciência ou uma Filosofia que se qualifiquem e se proclamem humanistas.

## 7

Porque o *Humanismo não pode ser cerceado ou limitado nos seus propósitos*. Isso torná-lo-ia pontual, restrito, fanático, absoluto. Contraditório e paradoxal será portanto evocar desde um humanismo artístico, científico ou filosófico até mesmo um *humanismo religioso ou político*.

## 8

Mais pertinente para a formação médica e universitária é o princípio de que o Humanismo rejeita a hegemonia da destreza sobre a fertilidade da cultura e do talento.

Antes do 25 de Abril a formação médica universitária (e não só de médicos) incidia na preparação de tecnocratas, habilitados e dextros.

O clarão de Abril iluminou fuzadamente as avenidas para o culto do talento e da cultura humanista. Nós não queremos professores universitários carreiristas, habilitados como exibicionistas de circo, doutos em destreza mas parcos em talento e inovação criadora. Porque são eles, também, os responsáveis por gerações de médicos que lhes absorvem as fraquezas e as transpiram, depois, para a comunidade.

Nenhuma tendência, movimento ou atitude humanistas podem colher foros de genuinidade se não logram alcançar profunda *penetrância* social, cultural e comunitária.

Nestas circunstâncias pode-se sempre diagnosticar um falso humanismo, quando ele surja impregnado de intelectualização, academismo e aristocratização, apanágio utilitário de um qualquer microcosmos social.

Os exemplos mais gritantes da perversão do humanismo encontram-se no discurso quotidiano antes do 25 de Abril, mas infelizmente, têm vindo a crescer desde Abril. Antes era a apropriação perversa e megalómana dos nobres conceitos de Pátria, Nação e outros para serviço e interesses pessoais descritos como *superiores*. Daí nasceu essa espécie de trocadilho designada por «os superiores interesses da Pátria» (ou da Nação) quando o conteúdo latente é na realidade «os interesses económicos. Egoístas, fanáticos do grupo a que pertencem (e que são moralmente inferiores) proclamados e impostos como patrióticos (gerais) e, ainda superiores». Depois de Abril estabeleceu-se a apropriação dos conceitos de Povo e de Democracia, transformando-se o «Povo Português» em entidade mítica e idealizada «os meus interesses são os do povo» ou nessa aberração e paradoxo que são as «maiorias esmagadoras» (se são maiorias e são do «bom povo português», e são democráticas, não devem esmagar coisa nenhuma, muito menos minorias!). Depois de Abril até todos e quantos apoiaram ou aquiesceram com o discurso paranóico do Salazarismo contra a Democracia, agora e subitamente se louvam no ideal democrático ou com persignaões de água benta democrática que possa ilibar o poder pessoal e a exploração económica dos outros, ou com a apropriação do socialismo para usos e cultos próprios, operando-se clivagens abissais entre os ideais proclamados e a praxis aberrante, desarticulada desses ideais. Estas são práticas anti-humanistas. Porque um vero humanismo dissemina-se na textura da matriz social e comunitária e nela se elabora e expande imprimindo forma, conteúdo e sentido humanistas a um macro-cosmos em constante evolução.

## 9

A formação universitária - de que o ensino médico é um exemplo subentende que a atitude humanista não pode negar a herança do passado. a realidade do presente nem as expectativas do futuro. Da conjugação destas três dimensões temporais resulta um dinamismo dialogante, mutativo e elaborante. A este movimento podemos dar o nome de *meio de transição comutativa* pelo qual o humanismo é concebido como charneira ou veio de transmissão entre realidades diversas numa perspectiva de *tempo* e de *espaço*. Assim. o valor humanista da civilização greco-romana complementa-se - numa perspectiva temporal e espacial - com outros valores humanistas como sejam, por exemplo. as civilizações egípcia, árabe, hindu, chinesa, ou maia. No século XX os *studia humanitates* possuem, naturalmente, uma amplitude e universalidade diversas das dos séculos que os procederam.

Porém em qualquer momento histórico (e o 25 de Abril foi um momento histórico) a atitude humanista tem de ser actuante, principalmente no sentido de *comutar o significado do conhecimento* e dos valores adquiridos. E isto tem de acontecer no contexto de uma realidade presente e actual, estimulando o convívio e encarando o conflito de homens com outros homens.

Este meio de transição comutativa tem de conter os ingredientes indispensáveis para suster, impedir ou combater tudo aquilo que tenda a conduzir à alienação do homem.

No meio de transição comutativa que deve ser a Universidade há ainda que atender a dois factores:

Um certo número de universitários (médicos e outros) arvoram-se - explícita ou implicitamente - em detentores de um conhecimento superior e único, praticantes de ciências e técnicas enclausuradas, como que autistas num castelo de Narciso, pretensamente isolados da vida pulsátil da convulsão social e comunitária e da movimentação política que os rodeia.

Não se pode ser investigador, ou professor, ou médico e ser-se apolítico, amoral, indiferente. Por detrás de uma aparente indiferença está sempre e iniludivelmente uma atitude conservadora ou um «laissez-faire» altamente destrutivo.

O outro factor refere-se aos perigos das utopias, talvez mais ainda se se pretendem utopias humanistas (o que já em si é uma contradição: o humanismo jamais é utópico: se o fosse não era humanismo). Assim mesmo pode-se argumentar que uma certa atitude humanista pode conter elementos defensivos. Quando humanismo se confunde com aquiescência, com contemporização, com facilitação, com aconselhamento superficial ou com mézinhos e caldos quentes para minorar sofrimentos existenciais, transcendentem na sua essência e complexos na sua motivação.

Finalmente, não só no contexto da Medicina, são só no contexto da Universidade, mas. afinal. na mensagem para o destino do Homem anunciada em Abril, confusamente enunciada a seguir e já mal pronunciada dez anos depois, havemos muitos de nós, homens e mulheres do 25 de Abril sempre (idealistas mas não tolos. tolerantes mas firmes, humanistas sem utopias) prosseguir esclarecendo que um Humanismo que denuncie e combata a alienação pretende definir um espaço de existência em que os homens possam sentir. pensar e actuar, escolhendo livremente a sua perspectiva existencial. Escolha que implica a conjugação harmónica tanto da fruição da liberdade como do sentimento da responsabilidade.

O sentido do cometimento e da participação colectiva - porquanto indispensáveis e inadiáveis - não podem coartar o direito a respirar culturalmente e de feição humanista num *espaço existencial livre*. Neste espaço existencial livre o homem maduro e responsável há de reflectir sobre opções que não são jamais imutáveis, perenes ou definitivas.